

Brenda Covarrubias*

Em meu nome

*Entre a graça e a queda,
deveria haver lugar para uma medida comum.*
Green, 1990

Enquanto a paciente esperava que eu lhe abrisse a porta para que pudesse sair, perguntou: Você pertence a alguma religião? Depois do meu silêncio e – espero – um não tão desconcertante olhar, corrigiu sua pergunta: “Bom, em que vocês creem? Em nada?”

Suas perguntas seguiram-me como insetos voadores atraídos pela luz e deixaram-me intranquila. Depois, estas perguntas voltaram em forma de um tímido ruído, lembrando-me que seguiam em estado de espera, mas ao não haver resposta, os ruídos se transformaram em um forte barulho. Afinal, concluí que ela queria saber o que me mantém. Por que supõe que não creio em nada? A quem se referiu com “vocês”?

Promessas são feitas em nome do amor, da verdade e dos seres amados; gênios e homens de muita ou de pouca fé pereceram na tentativa de demonstrar, partindo de uma hipótese, sua inocência por (des)mascarar seus afetos

ou ver-se livres de um sofrimento. Embora, sabemos, que nem o amor nem a verdade são tão universais ou comuns a todos como se supõe e que também, sob estas bandeiras muitas atrocidades foram cometidas. A negação do outro se justifica simplesmente porque contradiz os ideais do clã, da família ou da nação; por outro lado as pessoas se escandalizam com toda demonstração ou expressão que não pertença a sua época.

Precisamente, o que as pessoas reclamam não ser da “sua época”, tem a ver, para mim, com o desenvolvimento, com a pré-história individual. Isso (res)urge como uma onda distante de moções sem tramitação, sem metabolização, sem palavras, responsável pela estranheza e pela rejeição. Falando de épocas, invariavelmente, Édipo ocupa um lugar de protagonismo. Não há vacina para os seus embates, nem antídoto para os seus efeitos que são reproduzidos de maneira enredada onde acontecem e se cruzam histórias de amor, sexuais e de afetos. Estas encruzilhadas não pertencem a uma questão de época, ninguém está livre desta trama que precede outros em-

bates e que determina como cada psiquismo embarcará na travessia edípica: alguns mais consolidados, outros desvalidos ou fragmentados, mas ainda assim com “potência”. Não há uma saída “limpa” do Édipo, nem um desenlace conclusivo para o turbilhão de identificações. Imagino que durante a abrupta saída do Édipo, os capítulos que ocorreram nesta trama podem acabar enterrados, traduzidos rapidamente em outras línguas para não serem decifrados, e, ainda, alguns são colocados em garrafas jogadas ao mar. E, ao final, todos se banham com um pó que tem a qualidade de *sagrado*. O sagrado seria um representante daquilo que libera do mal-estar e desconhece o conflito. A partir daí, as figuras parentais e tudo que acontece ao redor delas adquire formas divinas, intocáveis e inquestionáveis.

Dizem que o adoecer se dá por aquilo a que nos apegamos; são múltiplos os artifícios que utilizamos para não nos desprendermos: bombas de fumaça que (re)caem sobre nossa percepção, cortes que fazem escorregar os pensamentos manipulando o tempo como se este fosse uma amпуlhetta que se vira de um lado a outro, coagindo seu curso. Embora, não se possa esquecer que todo indivíduo tem um papel no que lhe veio de fora, e que depois de um trabalho de remodelação, passou a lhe pertencer. (Green, 2002/2011).

Durante a experiência analítica, ao retirar esse pó sagrado, removem-se as identificações, treme o preservado equilíbrio narcisista, são quebradas aquelas promessas de satisfação eterna. Este objeto novo, terciário, é uma espécie de tocha interna que permite ao paciente iluminar tudo aquilo que gostaria de manter distante dos altares e vitrines para que, por fim, possa ser pensado e questionado. O analista realiza um cuidadoso trabalho de exumação –sem profanação– das antigas remodelações nas quais vagamundeiam afetos tão aturdidos que qualquer aproximação da sua parte é tomada com receio de agressividade por ser considerar desconhecida. Precisamente, para Winnicott (1971/1986), a destruição

e a sobrevivência do objeto são fundamentais para o desenvolvimento do amor e de um mundo de realidade compartilhada, já que lhe devolve uma unidade, (des)apropria-o do que não é. Ao poder tocar, conectar tudo aquilo que estava sem desvelar ou sobre o que não se quer saber, o sagrado perde força e os objetos dotados deste poder passam a ser objetos frente aos quais podemos transitar de maneira mais natural, devido serem agora objetos mais reais. Com isso não quero dizer que os objetos ficam isentos ou livres, senão que adquirem outra ordem dentro do nosso aparelho psíquico erigida a partir da própria caligrafia do paciente. Fazer uso disso supõe que o indivíduo pode recorrer a seu objeto psíquico interno que responde a sua espera e vai compensando os desacordos (Green, 2002/2011).

Esse “nada” a que se referiu a paciente não tem a ver com uma atitude niilista, senão com um distanciamento de princípios onipotentes ou de controle mágico sobre o exterior; esse “nada” está relacionado mais com um não sentir uma severa distorção entre o interno e o externo, o próprio e o alheio devido à criação e o reconhecimento da nossa subjetividade, e, por conseguinte, a dos outros. *Vocês, nós*, que confiamos no método psicanalítico nos afastamos do determinismo psíquico, da lógica tradicional, acreditamos nas leis do inconsciente e na verdade da experiência transferencial. Na análise há um amor pela verdade. Essas verdades que nos concernem, que nos cruzam; o crer tem a ver com este tipo de experiência (Kristeva, 2009). Isto é o que nos sustenta e nos mantém desejosos no dia a dia.

Referências

- Green, A. (2001). *La nueva clínica psicoanalítica y la teoría de Freud: Aspectos fundamentales de la locura privada*. Buenos Aires: Amorrortu. (Trabalho original publicado em 1990).
- Green, A. (2011). *Ideas directrices para un psicoanálisis contemporáneo*. Buenos Aires: Amorrortu. (Trabalho original publicado em 2002).
- Kristeva, J. (2009). *Esa increíble necesidad de creer*. Buenos Aires: Paidós.
- Winnicott, D. W. (1986). *Realidad y juego*. Barcelona: Gedisa. (Trabalho original publicado em 1971).

* Asociación Psicoanalítica de Guadalajara.